

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

6 e 14 de Março de 2025

O CINEMA E CONRAD, CONRAD E O CINEMA (I)

RAZUMOV (SOUS LES YEUX D'OCCIDENT) / 1936

Um filme de Marc Allégret

Argumento: Hans Wilhelm e Jan Lustig, a partir de "Under Western Eyes/Alma Russa" (1911), de Joseph Conrad / *Diretor de fotografia* (35 mm, preto & branco, formato 1x37): Michel Kelber / *Cenários:* Eugène Lourié / *Figurinos:* não identificado no genérico / *Música:* Georges Auric / *Montagem:* Yvonne Beaugé / *Som:* Marcel Courmes / *Interpretação:* Pierre Fresnay (*Razumov*), Michel Simon (*Lespara*), Jacques Copeau (*Mikulín, o chefe da polícia*), Pierre Renoir (*o agente de polícia*), Jean-Louis Barrault (*Haldin*), Danièle Parola (*Nathalie*), Raymond Segard (*Kostia*), Gabriel Gabrio (*Nikita*), Roger Karl (*o ministro*), Claire Gérard (*a porteira*), Aimos (*um homem à mesa da cantina*).

Produção: André Daven para Les Films Osso / *Cópia:* da Cinemateca Francesa, 35 mm, versão original com legendas eletrônicas em português / *Duração:* 94 minutos / *Estreia mundial:* Paris, 20 de Março de 1936 / *Inédito comercialmente em Portugal* / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

Marc Allégret (1900-73) foi uma figura de mediana importância no cinema francês, que se estreou com **Voyage au Congo** (1927), documentário de longa-metragem que fez durante uma viagem em companhia de André Gide, de quem foi muito próximo durante toda a vida e sobre quem realizou um documentário em 1950. Os anos 30 são considerados o seu melhor período, com alguns dos seus filmes mais conhecidos, como **Fanny** (segunda parte da "trilogia marselesa" de Marcel Pagnol, com o mesmo protagonista do filme que vamos ver, Pierre Fresnay), **Le Lac aux Dames** (em cujo argumento colaborou Colette) e **Zouzou**, em que Jean Gabin e Joséphine Baker são irmãos adotivos. Era irmão mais velho de Yves Allégret, que foi seu assistente neste filme e deixou uma obra mais consistente.

Sous les Yeux d'Occident, também conhecido como **Razumov** (o genérico da cópia restaurada que vamos ver indica o duplo título tal como no cabeçalho desta "folha"), foi a sua décima-primeira longa-metragem e a ideia do filme veio do produtor André Daven. Como é regra na transposição de romances para o cinema tudo foi muito condensado. A adaptação transpõe sobretudo a primeira das quatro partes da narrativa, o que resulta na eliminação de diversos personagens, uma opção válida do ponto de vista cinematográfico, por mais que horrorize os apreciadores de Conrad. Allégret conhecia e apreciava o romance, que lera sob conselho de Gide. Teve, no entanto, um atrito com os dois argumentistas (ambos com ilustres *pedigrees*, como se constata das leituras das suas filmografias), não devido à inevitável condensação e consequente simplificação da trama narrativa, mas devido à sua vontade de fazer com que ideias "cinematográficas" predominassem sobre ideias "literárias". Mas, como indica Bernard Houssiau no seu livro sobre o realizador, "a versão dos adaptadores pareceu mais convincente aos olhos do produtor e foi esta que predominou". A sequência final, por exemplo, embora muito conseguida tal como é - alguns raros planos gerais, em campo-contracampo - teria sido diferente. Numa entrevista dada no ano em que o filme foi realizado, Allégret declarou que "teria preferido que a história chegasse ao fim como no romance. Razumov tem os tímpanos furados por Nikita e é largado na rua. A dada altura aproxima-se um elétrico, ele não ouve a sua chegada, o condutor não consegue evitá-lo e atropela-o. Imagine só o efeito cinematográfico que se poderia tirar desta cena: veríamos o condutor que apita com cada vez mais força, a sua boca aberta, os seus olhos dilatados de pavor, tudo isto

no mais profundo silêncio, posto que Razumov não ouve... Mas o que se há de fazer? Parece que isto não agradaria ao público...”.

Razumov (Sous les Yeux d'Occident) foi inteiramente feito em estúdio e a equipa técnica reúne nomes de grande prestígio, como Eugène Lourié para os cenários e Georges Auric para a música, usada com notável parcimónia. Quanto à articulação visual, o futuro grande diretor de fotografia Philippe Agostini, que exerceu aqui a função de operador de câmara, deu testemunho de que se buscaram efeitos de iluminação diferentes dos que eram usados nos Estados Unidos, que tinham tendência a inundar o cenário de luz nas cenas de interior, ao passo que a equipa francesa buscou “a iluminação adequada para transmitir a atmosfera dramática de que Allégret não parava de falar”. Quanto aos atores, como especifica um cartaz da época, em que o filme é designado apenas como **Sous les Yeux d'Occident**, trata-se de “um elenco surpreendente”, com alguns dos grandes nomes masculinos do cinema francês da época: Pierre Fresnay, Jean-Louis Barrault, Michel Simon, Pierre Renoir, além de Jacques Copeau (o chefe de polícia), um dos nomes mais ilustres do teatro francês. Todos são notáveis, mas o que sobressai é a interpretação de conjunto, além da falta de ênfase, mesmo nos momentos mais dramáticos. Os penosos clichês sobre a “alma eslava” e as suas interrogações estão totalmente ausentes, pois os personagens de Conrad não se parecem muito aos de Dostoievsky. Tanto quanto o dilema moral do protagonista, a narrativa tece muito bem o sádico jogo de gato e rato da polícia com Razumov. Este jogo chega ao fim de maneira abrupta, num dos melhores trechos do filme, uma luta brevíssima, quase estilizada, em que Razumov mata o seu algoz antes de entregar-se à morte. Tudo está no sítio certo, nada destoa, a narrativa flui, embora talvez sem aquele indefinível núcleo que caracteriza as grandes obras de cinema.

Os conradianos terão interesse em saber que num artigo de 1987 em *Film Quarterly*, Steve Wineberg classifica **Razumov (Sous les Yeux d'Occident)** como um dos grandes momentos *méconnus* da transposição de Conrad para o cinema, “uma adaptação muito comovente de uma literatura difícil”, mesmo levando em conta a inevitável condensação da narrativa: trata-se de “um exemplo de como um bom romance, mesmo distorcido, pode resultar num filme admirável” se o realizador “for fiel à visão do realizador”, mesmo quando a narrativa do livro “sofre alterações consideráveis”. Wineberg é inclusive de opinião que “Allégret teve razão em dar a Razumov um final trágico, ao invés da morte ignominiosa que Conrad lhe dá no livro”, talvez ignorando a opinião do realizador sobre este aspecto, que era exatamente oposta. O crítico sublinha características do filme que são típicas do cinema francês da época em que foi feito: “Não é surpreendente vermos Razumov metamorfoseado num herói romântico-fatalista desta era do melodrama poético francês (...). As presenças de Pierre Fresnay, Jean-Louis Barrault e Michel Simon atrela o filme a este estilo: com as exceções de Jean Gabin e Harry Baur, não há atores que representem mais nitidamente o cinema francês dos anos 30. (...) Conrad pôde transformar-se em russo para **Under Western Eyes**, Allégret e os seus amigos não”. O Razumov do filme de Allégret não é exatamente idêntico às criaturas sombriamente fatalistas dos filmes de Marcel Carné do período, mas o filme é um ótimo exemplo de um filme francês dos anos 30 e embora não suba ao nível das grandes obras daquele rico decénio é um objeto coeso e esmerado, que se tornou uma espécie de raridade.

Antonio Rodrigues